

# O enfermeiro na desospitalização do paciente em Hospitais de Porto Alegre e da Região metropolitana

*The nurse in the discharge of patients in hospitals in Porto Alegre and the metropolitan region*

*La enfermera en el alta de pacientes en hospitales de Porto Alegre y la región metropolitana*

Dias, Juliana Kraemer;<sup>1</sup> Mariot, Márcia Dornelles Machado;<sup>2</sup> Santos, Maria Victhória Mendes dos;<sup>3</sup> Cicolella, Dayane de Aguiar;<sup>4</sup> Skalski, Suélen Almeida<sup>5</sup>

## RESUMO

**Objetivo:** descrever importância do enfermeiro no processo de desospitalização. **Método:** trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, descritiva e exploratória. A coleta de dados foi realizada por um questionário divulgado nas mídias sociais e analisados com o auxílio do Statistical Package for the Social Sciences. **Resultados:** Participaram do estudo 102 enfermeiros que atuavam em hospitais de Porto Alegre e da região metropolitana. Verificou-se maior prevalência de time de desospitalização em hospitais privados ( $p=0,043$ ); o enfermeiro ter espaço para analisar com o médico o planejamento de alta do paciente” ( $p=0,025$ ) e estar verdadeiramente envolvido no processo de educação aos pacientes e familiares para a alta ( $p=0,009$ ). **Conclusões:** os enfermeiros reconhecem sua importância no processo de desospitalização e mesmo com a sobrecarga de trabalho se envolvem no processo desde o primeiro dia da internação do paciente e se preocupam se a alta hospitalar não for realizada em tempo previsto.

**Descritores:** Desinstitucionalização; Papel do profissional de enfermagem; Cuidado transicional; Alta do paciente

## ABSTRACT

**Objective:** To describe the importance of nurses in the discharge process. **Method:** This is a quantitative, cross-sectional, descriptive, and exploratory study. Data collection was conducted through a questionnaire distributed on social media and analyzed using the Statistical Package for the Social Sciences. **Results:** 102 nurses working in hospitals in Porto Alegre and the surrounding metropolitan area participated in the study. A higher prevalence of a discharge team was found in private hospitals ( $p=0.043$ ); nurses had the opportunity to discuss the patient's discharge planning with the physician ( $p=0.025$ ); and nurses were genuinely involved in educating patients and families about discharge ( $p=0.009$ ). **Conclusions:** Nurses recognize their importance in the discharge process and, despite their workload, are involved in the process from the first day of the patient's admission and are concerned if discharge is not completed on time.

**Descriptors:** Deinstitutionalization; Nurse's role; Transitional care; Patient discharge

1 Hospital Moinhos de Vento (HMV). Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: jukraemerdias@outlook.com  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4244-3625>

2 Centro Universitário Cesuca (CESUCA). Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: marcia\_dornelles@yahoo.com.br  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0591-4827>

3 Centro Universitário Cesuca (CESUCA). Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: victhoria.mendes@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6248-5767>

4 Centro Universitário Cesuca (CESUCA). Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: dayane.cicolella@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7912-1216>

5 Hospital Dom João Becker (HDJB). Gravataí, Rio Grande do Sul (RS). Brasil (BR). E-mail: suelenskalski@yahoo.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7488-6008>

## RESUMEN

**Objetivo:** Describir la importancia del personal de enfermería en el alta. **Método:** Estudio cuantitativo, transversal, descriptivo y exploratorio. Se recolectaron datos con un cuestionario en redes sociales, analizados mediante el Paquete Estadístico para las Ciencias Sociales. **Resultados:** Participaron en el estudio 102 enfermeros que trabajan en hospitales de Porto Alegre y el área metropolitana circundante. Se encontró una mayor prevalencia de un equipo de alta en hospitales privados ( $p=0,043$ ); los enfermeros tuvieron la oportunidad de discutir la planificación del alta del paciente con el médico ( $p=0,025$ ); y los enfermeros estuvieron genuinamente involucrados en educar a los pacientes y familias sobre el alta ( $p=0,009$ ). **Conclusiones:** Los enfermeros reconocen su importancia en el proceso de alta y, a pesar de su carga de trabajo, están involucrados en el proceso desde el primer día de la admisión del paciente y se preocupan si el alta no se completa a tiempo.

**Descriptor:** Desinstitucionalización; Rol de la enfermera; Cuidado de transición; Alta del paciente

## INTRODUÇÃO

Apesar de ser uma temática com poucos estudos, recentemente muito se tem discutido sobre o termo desospitalização, que se define como a transição entre o cuidado hospitalar para o cuidado domiciliar, transmitindo para a família e cuidadores as decisões e responsabilidades anteriormente sendo tomadas pelo hospital.<sup>1</sup>

Desospitalizar vai além da alta do paciente após um período de internação, o processo deve ser realizado de maneira integrada, com focos na prevenção, promoção, ações de educação e reabilitação do paciente. Deve-se realizar a organização dessa estratégia de cuidado aplicada na prática em tempo integral, em todos os espaços e áreas hospitalares e domiciliares.<sup>2</sup>

Neste contexto surge o importante papel do enfermeiro como educador, estando inserido como um profissional indispensável dentro do processo da desospitalização, tendo olhar multidimensional, buscando a prática do cuidado em diversos cenários, pensando em possíveis situações e recursos que serão utilizados. A enfermagem lida diariamente, desde o primeiro dia de internação, com o planejamento de alta do paciente, juntamente com o familiar, sanando todas as dúvidas sobre processos de cuidado e incertezas que poderão surgir.<sup>1</sup>

Somado ao referido, cabe a toda a equipe de enfermagem, dentro do contexto do cuidado nas rotinas diárias, avaliar o cenário do paciente como um todo, visando suas fragilidades e

potencialidades, prevenindo danos e promovendo conforto desde o início da internação, visando a alta hospitalar dentro do prazo esperado. Porém não cabe apenas ao profissional da enfermagem este olhar como um todo, e sim, a toda equipe multidisciplinar.<sup>3</sup>

Para o processo eficaz da desospitalização envolvendo toda a equipe multidisciplinar, necessita-se de uma efetiva transição de cuidado, colaborando com intervenções que auxiliam para a alta em tempo previsto, reduzindo risco de reinternação do paciente e principalmente cabendo ao profissional de enfermagem o papel de facilitador, envolvendo a família e sabendo estar sempre aberto a novas ideias e adaptações conforme o ambiente que o paciente estará inserido fora do hospital. Estes conjuntos de ações desenvolvidas pelas equipes darão continuidade aos cuidados necessários fora do ambiente hospitalar.<sup>1</sup>

A desospitalização está diretamente ligada à gestão de leitos, afetando em indicadores de desempenho e qualidade hospitalar. Ao investir na desospitalização, em meio a tantos benefícios ao paciente, familiar e equipe, também ocorre um aumento da rotatividade dos leitos, disponibilizando vaga aos pacientes agudos, reduzindo custos ao hospital e gerando maior qualidade de vida aos pacientes. Sendo assim, é de extrema importância que as equipes estejam preparadas para um melhor planejamento de cuidado multidisciplinar especialmente nas instituições altamente especializadas.<sup>4</sup>

Este estudo justifica-se pela importância do enfermeiro (a) no processo da desospitalização do paciente, sendo um instrumento do cuidado extremamente necessário para sua viabilidade, do início ao fim da internação hospitalar. Uma vez que o referido profissional é quem avalia o paciente de forma contínua e integrada, planejando seu cuidado e visando a alta hospitalar em tempo previsto, garantindo também a diminuição dos problemas na gestão de leitos hospitalares. Portanto, tem-se como objetivo descrever a importância do enfermeiro (a) no processo da desospitalização, tendo foco na construção da capacidade de análise crítica em relação à alta hospitalar.

## MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, do tipo transversal, exploratória e descritiva. Os pesquisadores quantitativos coletam evidências empíricas, ou seja, dados provenientes da realidade objetiva e obtidos por meio dos sentidos, não baseados em crenças ou opiniões pessoais. Esses dados são coletados de forma sistemática, utilizando instrumentos formais de coleta de informações.<sup>5</sup>

Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), atualmente no estado do Rio Grande do Sul estão em exercício profissional 20.924 enfermeiros (a) que atuam em redes públicas, privadas e filantrópicas, porém não há dados disponíveis que informem o local em específico, ou o número exato de profissionais que atuam apenas em hospitais.<sup>6</sup> Portanto, o cálculo amostral foi baseado na população total de enfermeiros do estado do Rio Grande do Sul, tendo intervalo de confiança de 90%, resultando no tamanho de amostra estimado de 269. Contudo, o referido cálculo amostral não foi atingido devido à dificuldade de acesso aos profissionais que atuam em hospitais que implementem medidas de desospitalização dos pacientes.

Os critérios de inclusão foram: enfermeiros (as) com registro profissional ativo, e que atuam na área de internação de hospitais públicos ou privados, por no mínimo dois anos. Os critérios de exclusão do estudo foram: enfermeiros que se

encontravam em afastamento do trabalho por questões pessoais.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário elaborado através da ferramenta online *Google Forms* e divulgado nas mídias sociais. Participaram do estudo 102 enfermeiros que atuavam em hospitais de Porto Alegre e da região metropolitana. Foram coletados dados relacionados a temática da desospitalização e outras informações: idade, sexo, tempo de atuação em unidade de internação, tempo de formação profissional. Os dados foram colhidos durante os meses de setembro a novembro de 2023 e, em seguida, foram enviados para um banco para análise dos dados.

As análises foram realizadas no programa SPSS versão 29.0, o nível de significância adotado foi de 5% ( $p < 0,05$ ). As variáveis quantitativas foram descritas por média e desvio padrão ou mediana e amplitude interquartilica. As variáveis categóricas foram descritas por frequências absolutas e relativas. Para avaliar a associação entre as variáveis, os testes qui-quadrado de Pearson ou exato de Fisher foram aplicados.

O estudo seguiu a resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), nº 466 de 12 de dezembro de 2012, respeitando as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Científicas do Conselho Nacional de Saúde.<sup>7</sup> A pesquisa foi encaminhada ao comitê de ética do Centro Universitário Cesuca para apreciação e avaliação, a partir do qual recebeu aval ético e metodológico para ser realizada sob CAAE: 73669223.5.0000.5665 e parecer de aprovação nº 6.301.819. Os dados resultantes deste estudo serão armazenados durante cinco anos em um local seguro e de difícil acesso, protegidos pela LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais); e posteriormente, serão destruídos.

## RESULTADOS

Conforme os dados apresentados na Tabela 1, referente ao perfil sociodemográfico de 102 enfermeiros (as) participantes da pesquisa, foi observado que a média da faixa etária dos enfermeiros é de 36,6 anos, prevalecendo

sexo feminino com (88,3%) dos resultados. Representando tempo de atuação em unidade de internação hospitalar, o resultado mediano está em 4 anos (2 - 11),

sendo que (52%) dos enfermeiros são atuantes de hospitais privados da região metropolitana de Porto Alegre e da grande Porto Alegre.

**Tabela 1:** Caracterização da amostra dos enfermeiros participantes da pesquisa, Rio Grande do Sul, Brasil, 2023. N=102

Variáveis	%
Idade (anos) - média ± DP	36,6 ± 8,56
Sexo - n(%)	
Masculino	14 (13,7)
Feminino	88 (88,3)
Há quantos anos você atua ou atuou em unidade de internação hospitalar? - mediana (P25 - P75)	4 (2 - 11)
Você trabalha em hospital Público ou Privado? - n(%)	
Público	49 (48,0)
Privado	53 (52,0)

**Legenda:** DP=Desvio Padrão; P25=Percentil 25; P75=Percentil 75

**Fonte:** dados da pesquisa,2023.

Os resultados da Tabela 2, representando dados sobre a desospitalização, apontam que a maioria dos enfermeiros considera importante a sua atuação no processo de desospitalização, tendo (96,1%) dos resultados. Os enfermeiros que se envolvem no processo de desospitalização desde o primeiro dia de internação representam a maioria com (56,9%), sendo importante ressaltar que (27,5%) não se envolvem desde o primeiro dia de internação e (15,7%) se envolvem em casos específicos, em que acham mais importante.

Na questão seguinte, a maior frequência dos resultados indica que (93,1%) dos enfermeiros consideram que é preocupante a alta hospitalar do paciente não ser realizada em tempo previsto, tendo em segundo lugar mais relevante enfermeiros que costumam não ter tempo para pensar sobre isso (3,9%) e os que não consideram preocupante a alta em tempo previsto, com (2,9%) dos resultados. Na percepção de (57,8%) dos enfermeiros, tem-se espaço para analisar juntamente com a equipe médica o planejamento de alta hospitalar do paciente, e (42,2%) consideram não ter espaço no planejamento de alta.

Conforme dados avaliados no questionamento sobre existência de um time de desospitalização na instituição em que trabalham, o resultado de maior relevância foi “não”, com (53,9%) dos resultados. Sobre o questionamento aos

enfermeiros (as) sobre verdadeiramente estarem envolvidos no processo de educação do paciente e familiares, resultou em “sim” na maioria das respostas com (51,0%), seguido de “não” com (30,4%), e apenas (18,6%) costumam pensar na educação dos pacientes e familiares perto da alta hospitalar. A pesquisa aponta que (85,3%) dos enfermeiros reconhecem os aspectos e definições que necessitam para a alta hospitalar do paciente ocorrer de forma segura.

Conforme análise de dados, (58,8%) dos enfermeiros reconhecem sua capacidade de analisar o paciente de maneira integral, assim podendo discutir o caso com a equipe médica e multiprofissional pelos motivos que o paciente ainda permanece internado, ressaltando também, que (32,4%) buscam conhecimento e analisam o paciente, mas não têm interesse em discutir sobre o caso em *round* e, (8,8%) não se reconhecem capazes de analisar e/ou discutir sobre o paciente. (92,2%) dos enfermeiros consideram que a sobrecarga de trabalho da enfermagem afeta o planejamento de cuidados para a alta hospitalar em tempo previsto e na educação dos pacientes e familiares para a alta, e apenas (7,8%) responderam que não há relação entre sobrecarga e planejamentos de cuidados.

Na Tabela 2, (90,2%) dos enfermeiros pensam sobre como a permanência sem necessidade dos pacientes na unidade de internação impactam diretamente na

gestão de leitos hospitalares e custos operacionais de saúde, (6,9%) não pensam sobre isso, e apenas (2,9%) não sabem sobre gestão de leitos. A seguir, foi observado que (52,9%) dos enfermeiros concordam que atualmente a enfermagem está envolvida como protagonista no processo do cuidado, pensando objetivamente no planejamento diário de alta, e (47,1%) respondem negativamente a esta questão.

Os resultados apontam que atualmente os enfermeiros apenas às vezes, em alguns casos específicos, treinam suas equipes quanto a realização de plano educacional de alta hospitalar, os envolvendo-as no processo de educação ao paciente e familiar, demonstrado por (42,2%) dos resultados, destacando

também com pouca diferença entre as respostas a opção “sim” com (40,2%). Com (85,3%) dos resultados, atualmente os enfermeiros ainda consideram que a enfermagem apresenta dificuldades para inserir-se no processo de desospitalização, destacando que (11,8%) acreditam que esta situação depende apenas da dedicação do enfermeiro (a). Os estudos indicam que esta dificuldade ainda existente sobre a inserção da enfermagem no processo de desospitalização, com (69,6%) dos resultados, se deve a resistência médica ao aceitar sugestões de enfermagem ou da equipe multidisciplinar, e (30,4%) dos profissionais, consideram ser falta de conhecimento dos enfermeiros sobre o paciente e falta de manejo com a equipe médica (Tabela 2).

**Tabela 2:** Dados sobre desospitalização, Rio Grande do Sul, Brasil, 2023. N=102

Variáveis	N (%)
Você considera importante a atuação do enfermeiro (a) no processo de desospitalização?	
Sim	98 (96,1)
Não	0 (0,0)
Não sei, nunca ouvi falar sobre isso	4 (3,9)
No local onde você trabalha atualmente, você se envolve no processo de desospitalização/alta hospitalar do paciente desde o primeiro dia de sua internação?	
Sim	58 (56,9)
Não	28 (27,5)
Em casos específicos, em que acho mais importante	16 (15,7)
Para você é preocupante a alta hospitalar do paciente não ser realizada em tempo previsto?	
Sim	95 (93,1)
Não	3(2,9)
Costumo não ter tempo para pensar sobre isso	4 (3,9)
Na sua percepção, enfermeiros atualmente tem espaço para analisar juntamente com a equipe médica o planejamento de alta hospitalar do paciente?	
Sim	59(57,8)
Não	43 (42,2)
Na sua instituição, existe um time/grupo de desospitalização, que cuida das altas hospitalares?	
Sim	47 (46,1)
Não	55(53,9)
Atualmente, você verdadeiramente está envolvido (a) no processo de educação dos familiares para alta hospitalar do paciente?	
Sim	52 (51,0)
Não	31 (30,4)
Costumo pensar sobre perto da alta hospitalar	19 (18,6)
Você reconhece quais os principais aspectos/definições que se necessita para alta hospitalar do paciente de forma segura?	
Sim	87 (85,3)
Não	15 (14,7)

Você busca conhecimento técnico-científico e reconhece que tem capacidade de analisar de forma crítica cada paciente de maneira integral, e assim poder discutir com a equipe médica e multiprofissional sobre principais motivos em qual o paciente ainda permanece internado?	
Sim	60 (58,8)
Não	9 (8,8)
Busco conhecimento, mas não tenho interesse em discutir o caso do paciente em <i>round</i>	33 (32,4)
Na sua percepção, você acha que a sobrecarga de trabalho da enfermagem afeta no plano de cuidados para alta hospitalar em tempo previsto e na educação dos pacientes e familiares?	
Sim	94 (92,2)
Não	8 (7,8)
Você enfermeiro (a) costuma pensar sobre o impacto direto da permanência do paciente na unidade de internação sobre a gestão de leitos hospitalares e custos operacionais de saúde?	
Sim	92 (90,2)
Não	7 (6,9)
Não sei nada sobre a gestão de leitos e não penso sobre isso	3 (2,9)
Para você, atualmente a enfermagem de modo geral está envolvida como protagonista no processo do cuidado, pensando objetivamente no planejamento diário de alta?	
Sim	54 (52,9)
Não	48 (47,1)
Você enfermeiro (a) treina a sua equipe quanto a realização de plano educacional para alta, os envolvendo no processo da educação ao familiar diariamente?	
Sim	41 (40,2)
Não	18 (17,6)
As vezes em casos específicos	43 (42,2)
Levando em base a sua experiência até os dias atuais, você acha que a enfermagem ainda apresenta dificuldades em inserir-se no processo da desospitalização?	
Sim	87 (85,3)
Não	3 (2,9)
Depende apenas da dedicação do enfermeiro (a)	12 (11,8)
Para você, a dificuldade de inserir-se no processo de desospitalização, de maneira a discutir sobre o paciente e motivos de sua permanência na internação, está relacionada:	
Falta de conhecimento dos enfermeiros (as) sobre o paciente de maneira integral e manejo com a equipe médica	31 (30,4)
Resistência médica ao aceitar sugestões de enfermagem ou equipe multidisciplinar	71 (69,6)

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

A Tabela 3 apresenta os aspectos referentes a desospitalização conforme o tipo de hospital. Os dados indicam que com (98,0%) dos profissionais atuantes em hospitais públicos consideram importante a atuação do enfermeiro no processo de desospitalização e (5,7%) de enfermeiros de hospitais privados nunca ouviram falar sobre o assunto. Em hospitais privados (66,0%) dos participantes referem envolver-se no processo desde o primeiro dia da internação do paciente e (36,7%) dos profissionais de hospital público dizem não se envolver no processo.

Em relação a preocupação dos enfermeiros sobre a alta hospitalar ser realizada em tempo previsto, prevaleceu

profissionais atantes de hospitais privados com (94,3%) dos resultados, sendo importante ressaltar que não houve nenhuma resposta negativa dos profissionais de hospital privado nesta questão. (67,9%) dos enfermeiros de hospitais privados da região, afirmam ter espaço para analisar juntamente com a equipe médica o planejamento de alta do paciente.

Os resultados indicam que a maioria dos hospitais públicos não existem times/grupos de desospitalização (65,3%), já profissionais de hospital privado apresentam (56,6%) dos resultados indicando a existência de um time para cuidar das altas hospitalares. (58,5%) dos

profissionais de instituição privada dizem envolver-se no processo de educação dos familiares e pacientes, sendo este resultado prevalente, e (36,7%) dos enfermeiros de hospitais públicos referem não estarem envolvidos.

Em hospitais privados, (90,6%) dos enfermeiros sabem quais aspectos e

definições necessita-se para garantir ao paciente uma alta hospitalar de forma segura. Houve diferença estatisticamente significativa quanto a questão de “Na sua instituição, existe um time/grupo de desospitalização, que cuida das altas hospitalares?” ( $p= 0,043$ ), onde a prevalência é significativamente maior em hospitais privados.

**Tabela 3:** Dados sobre a desospitalização conforme trabalho em hospital público ou privado, Rio Grande do Sul, Brasil, 2023

Variáveis	Hospital público	Hospital privado	p
	n (%)	n (%)	
Você considera importante a atuação do enfermeiro (a) no processo de desospitalização?			0,619
Sim	48 (98,0)	50 (94,3)	
Não sei, nunca ouvi falar sobre isso	1 (2,0)	3 (5,7)	
No local onde você trabalha atualmente, você se envolve no processo de desospitalização/alta hospitalar do paciente desde o primeiro dia de sua internação?			0,099
Sim	23 (46,9)	35 (66,0)	
Não	18 (36,7)	10 (18,9)	
Em casos específicos, em que acho mais importante	8 (16,3)	8 (15,1)	
Para você é preocupante a alta hospitalar do paciente não ser realizada em tempo previsto?			0,128
Sim	45 (91,8)	50 (94,3)	
Não	3 (6,1)	0 (0,0)	
Costumo não ter tempo para pensar sobre isso	1 (2,0)	3 (5,7)	
Na sua percepção, enfermeiros atualmente tem espaço para analisar juntamente com a equipe médica o planejamento de alta hospitalar do paciente?			0,052
Sim	23 (46,9)	36 (67,9)	
Não	26 (53,1)	17 (31,1)	
Na sua instituição, existe um time/grupo de desospitalização, que cuida das altas hospitalares?			0,043
Sim	17 (34,7)	30 (56,6)	
Não	32 (65,3)	23 (43,4)	
Atualmente, você verdadeiramente está envolvido (a) no processo de educação dos familiares para alta hospitalar do paciente?			0,269
Sim	21 (42,9)	31 (58,5)	
Não	18 (36,7)	13 (24,5)	
Costumo pensar sobre perto da alta hospitalar	10 (20,4)	9 (17,0)	
Você reconhece quais os principais aspectos/definições que se necessita para alta hospitalar do paciente de forma segura?			0,199
Sim	39 (79,6)	48 (90,6)	
Não	10 (20,4)	5 (9,4)	

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Na Tabela 4 temos resultados prevalentes com (71,7%) de enfermeiros atuantes de hospitais privados em buscarem conhecimento técnico científico e demonstrarem interesse em discutir o caso do paciente. Com (92,5%) dos resultados, profissionais de hospitais privados acham que a sobrecarga de trabalho afeta na educação dos pacientes

e familiares e nos planos de cuidados para a alta hospitalar.

Conforme a análise sobre o impacto da permanência indevida do paciente na internação e como isto afeta na gestão de leitos e custos operacionais em saúde, (92,5%) dos profissionais de hospitais privados prevalecem por informar que

pensam sobre tal assunto. Sobre a enfermagem estar envolvida como protagonista do cuidado pensando objetivamente no planejamento de alta do paciente, (60,4%) dos profissionais de hospitais privados informam que sim, a enfermagem está envolvida como protagonista, porém, é importante ressaltar que (55,1%) de enfermeiros de hospitais públicos relatam não ver a enfermagem como protagonista.

Ao questionar sobre se atualmente os enfermeiros líderes de suas equipes, realizam treinamentos para planos educacionais de alta hospitalar, (47,2%) de enfermeiros de hospitais privados respondem positivamente, prevalecendo nesta questão, porém, (46,9%) dos profissionais de hospitais públicos referem realizar às vezes, apenas em casos específicos. (89,8%) dos enfermeiros de hospitais públicos referem ainda sentir dificuldade em inserir-se no processo de desospitalização, prevalecendo em relação aos hospitais privados.

Ressaltando que (15,1%) de enfermeiros de hospitais privados relatam depender apenas da dedicação do enfermeiro.

Com 71,7% dos resultados, atuantes de hospitais privados informam que a dificuldade da enfermagem para inserir-se no processo de desospitalização se dá por resistência médica ao aceitar sugestões de enfermagem e equipe multidisciplinar, assemelhando os resultados com hospitais públicos, com (67,3%). Houve diferença estatisticamente significativa entre os hospitais quanto a questão “Você busca conhecimento técnico-científico e reconhece que tem capacidade de analisar de forma crítica cada paciente de maneira integral, e assim poder discutir com a equipe médica e multiprofissional sobre principais motivos em qual o paciente ainda permanece internado?” ( $p= 0,015$ ), onde a prevalência é significativamente maior em hospital privado e muitos do hospital público (40,8%) afirmam buscar conhecimento, mas não ter interesse em discutir o caso do paciente em *round*.

Tabela 4: Dados sobre a desospitalização conforme trabalho em hospital público ou privado, Rio Grande do Sul, Brasil, 2023

Variáveis	Hospital público n (%)	Hospital privado n (%)	P
Você busca conhecimento técnico-científico e reconhece que tem capacidade de analisar de forma crítica e integral e assim poder discutir com a equipe médica e multiprofissional sobre principais motivos do paciente ainda permanece internado?			0,015
Sim	22 (44,9)	38 (71,7)	
Não	7 (14,3)	2 (3,8)	
Busco conhecimento, mas sem interesse em discutir o caso	20 (40,8)	13 (24,5)	
Na sua percepção, você acha que a sobrecarga de trabalho da enfermagem afeta no plano de cuidados para alta hospitalar e a educação dos pacientes e familiares?			1,000
Sim	45 (91,8)	49 (92,5)	
Não	4 (8,2)	4 (7,5)	
Você enfermeiro (a) costuma pensar sobre o impacto direto da permanência do paciente na unidade de internação sobre a gestão de leitos hospitalares e custos operacionais de saúde?			0,395
Sim	43 (87,8)	49 (92,5)	
Não	5 (10,2)	2 (3,8)	
Não sei sobre a gestão de leitos e não penso sobre	1 (2,0)	2 (3,8)	
Para você, atualmente a enfermagem de modo geral está envolvida como protagonista no processo do cuidado, pensando objetivamente no planejamento diário de alta?			0,172
Sim	22 (44,9)	32 (60,4)	
Não	27 (55,1)	21 (39,6)	
Você enfermeiro (a) treina a sua equipe quanto a realização de plano educacional para alta, os envolvendo no processo da educação ao familiar diariamente?			0,324
Sim	16 (32,7)	25 (47,2)	
Não	10 (20,4)	8 (15,1)	
As vezes em casos específicos	23 (46,9)	20 (37,7)	

Com base na sua experiência, a enfermagem ainda apresenta dificuldades em inserir-se no processo da desospitalização?			0,467
Sim	44 (89,8)	43 (81,1)	
Não	1 (2,0)	2 (3,8)	
Depende apenas da dedicação do enfermeiro (a)	4 (8,2)	8 (15,1)	
Para você, a dificuldade de inserir-se no processo de desospitalização, de maneira a discutir sobre o paciente e motivos de sua permanência na internação, está relacionada:			0,793
Falta de conhecimentos dos enfermeiros (as) sobre o paciente de maneira integral e manejo com a equipe médica	16 (32,7)	15 (28,3)	
Resistência médica ao aceitar sugestões de enfermagem ou equipe multidisciplinar	33 (67,3)	38 (71,7)	

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Quando associado o tempo de atuação com as variáveis referentes ao planejamento da alta hospitalar, houve associação estatisticamente significativa com os itens: “Na sua percepção, enfermeiros atualmente têm espaço para analisar juntamente com a equipe médica o planejamento de alta hospitalar do paciente?” ( $p= 0,025$ ) e no item “Atualmente, você verdadeiramente está envolvido (a) no processo de educação dos familiares para alta hospitalar do paciente?” ( $p= 0,009$ ), conforme pode ser visualizado nas Figuras 1 e 2. Os profissionais com 5 anos ou mais de

atuação apresentaram prevalências significativamente mais elevadas nesses dois quesitos.

Os profissionais que consideram importante a atuação do enfermeiro no processo de desospitalização são significativamente os que mais acham que a sobrecarga de trabalho da enfermagem afeta no plano de cuidados para a alta hospitalar em tempo previsto e na educação dos pacientes/familiares ( $p=0,030$ ), conforme pode ser visualizado na Figura 3.

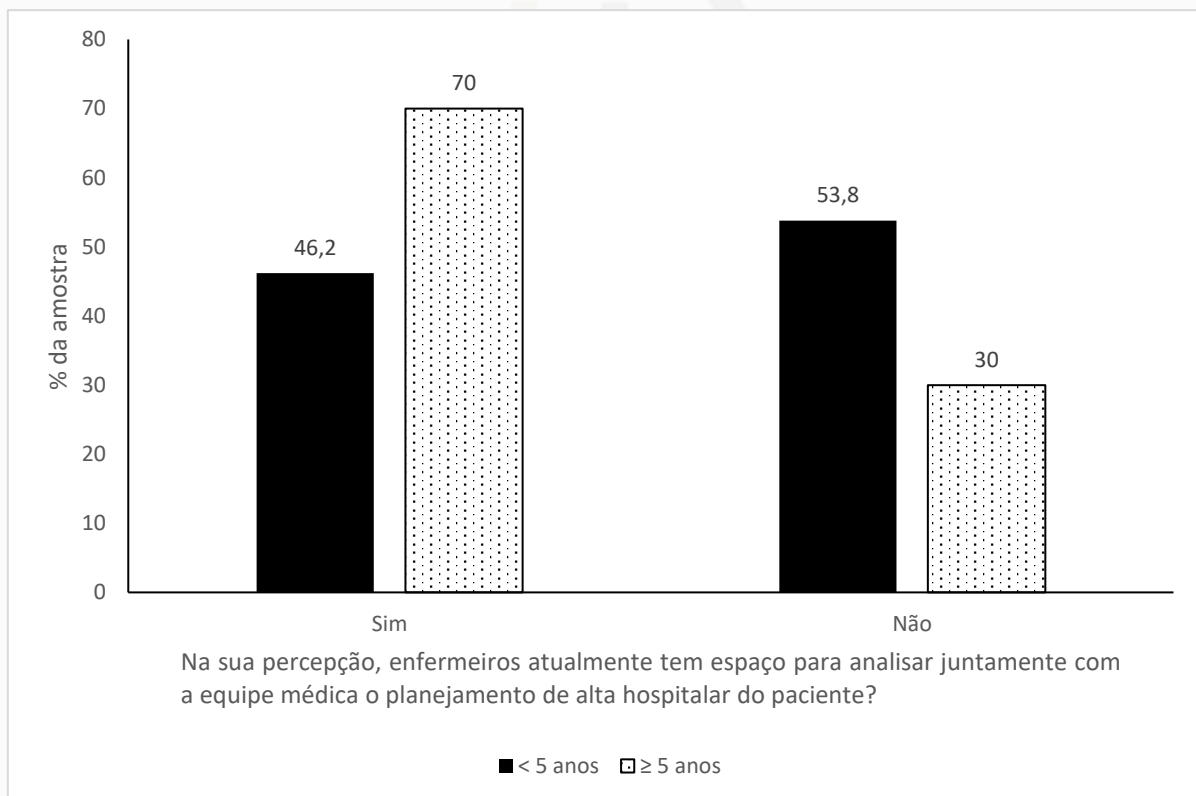
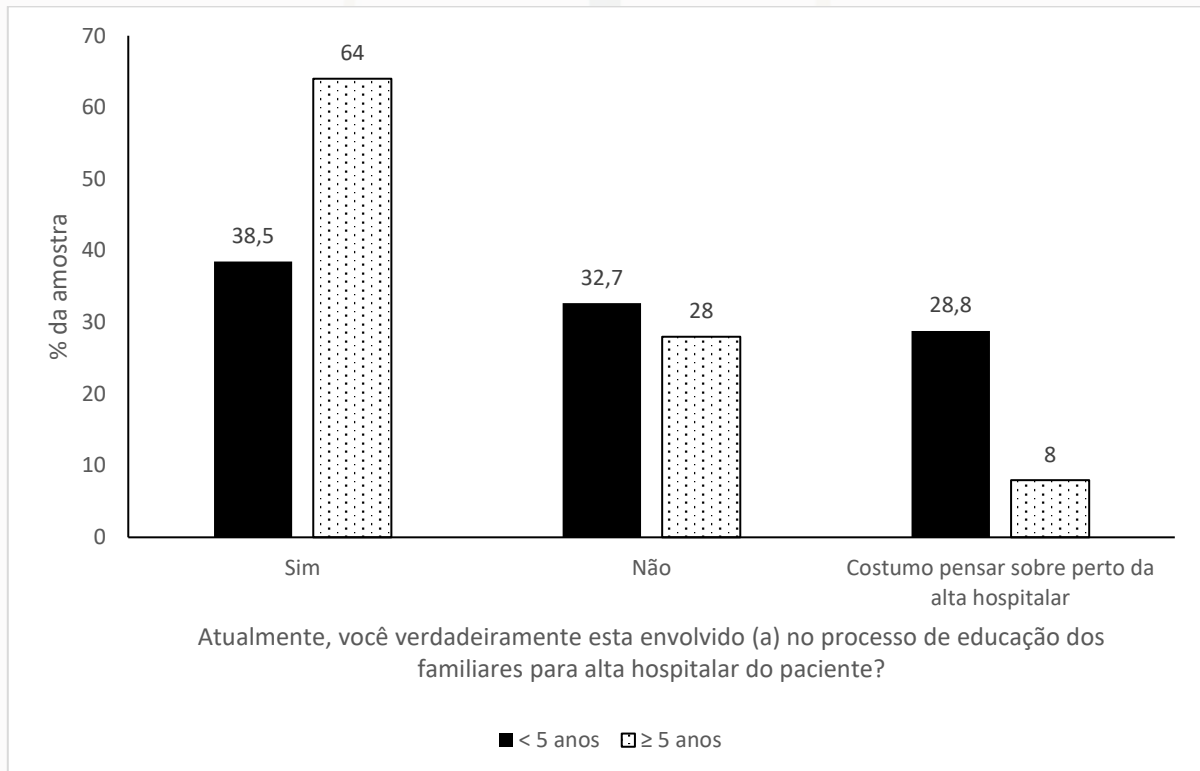
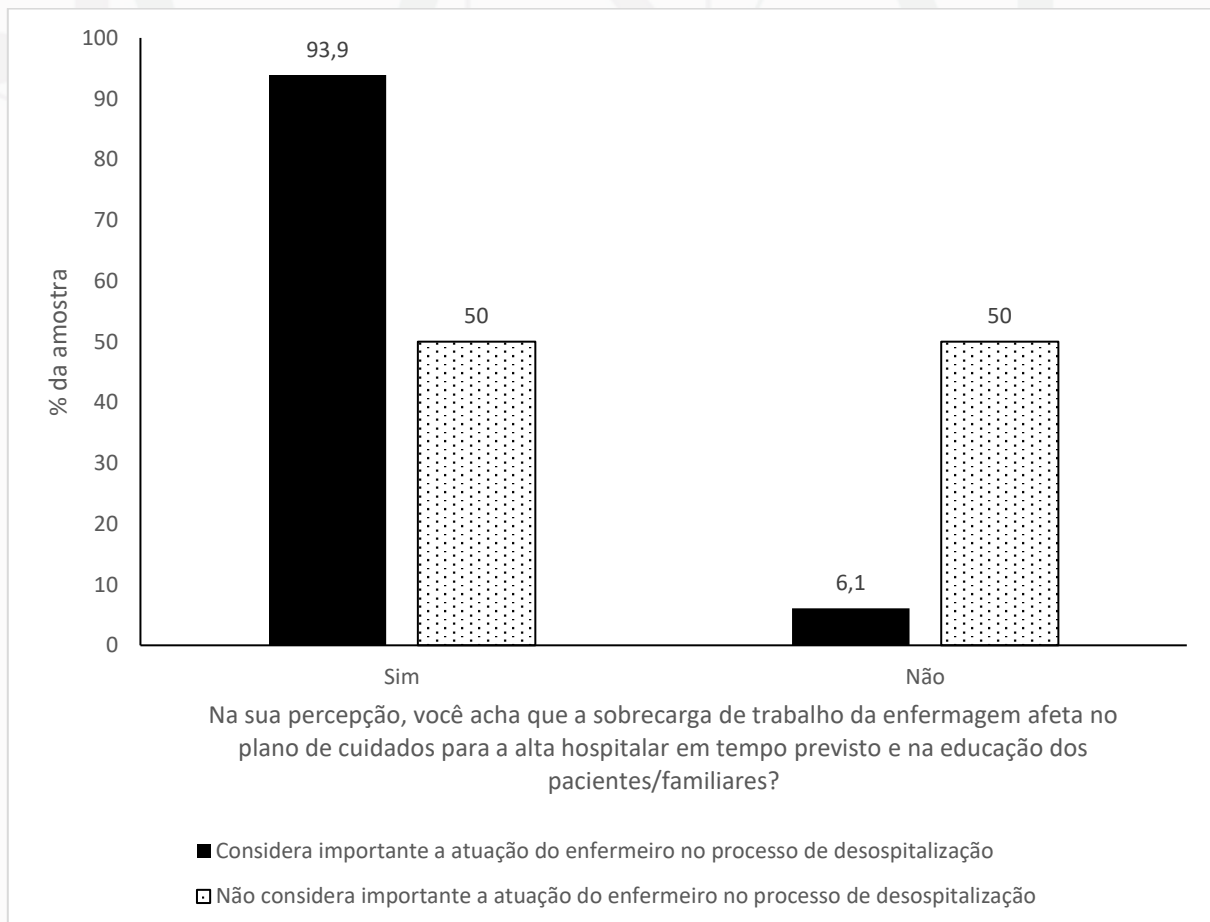


Figura 1: Associação entre tempo de atuação e a análise do enfermeiro, juntamente com a equipe médica, para o planejamento da alta hospitalar do paciente?

Fonte: dados da pesquisa, 2023.



**Figura 2:** Associação entre tempo de atuação e o envolvimento no processo de educação dos familiares para alta hospitalar do paciente?  
**Fonte:** dados da pesquisa, 2023.



**Figura 3:** Associação entre considerar importante a atuação do enfermeiro no processo de desospitalização com a sobrecarga de trabalho da enfermagem afetar no plano de cuidados para a alta hospitalar em tempo previsto e na educação dos pacientes/familiares?  
**Fonte:** dados da pesquisa, 2023.

Também houve associação entre as questões “No local onde você trabalha atualmente, você se envolve no processo de desospitalização/alta hospitalar do paciente desde o primeiro dia de sua internação?” e “Na sua instituição, existe um time/grupo de desospitalização, que cuida das altas hospitalares?” não foi

estatisticamente significativa ( $p=0,067$ ), apesar da prevalência de existir um time/grupo de desospitalização, que cuida das altas hospitalares ser menor no grupo de profissionais que não se envolvem nesse processo desde o primeiro dia da internação do paciente, conforme Figura 4.

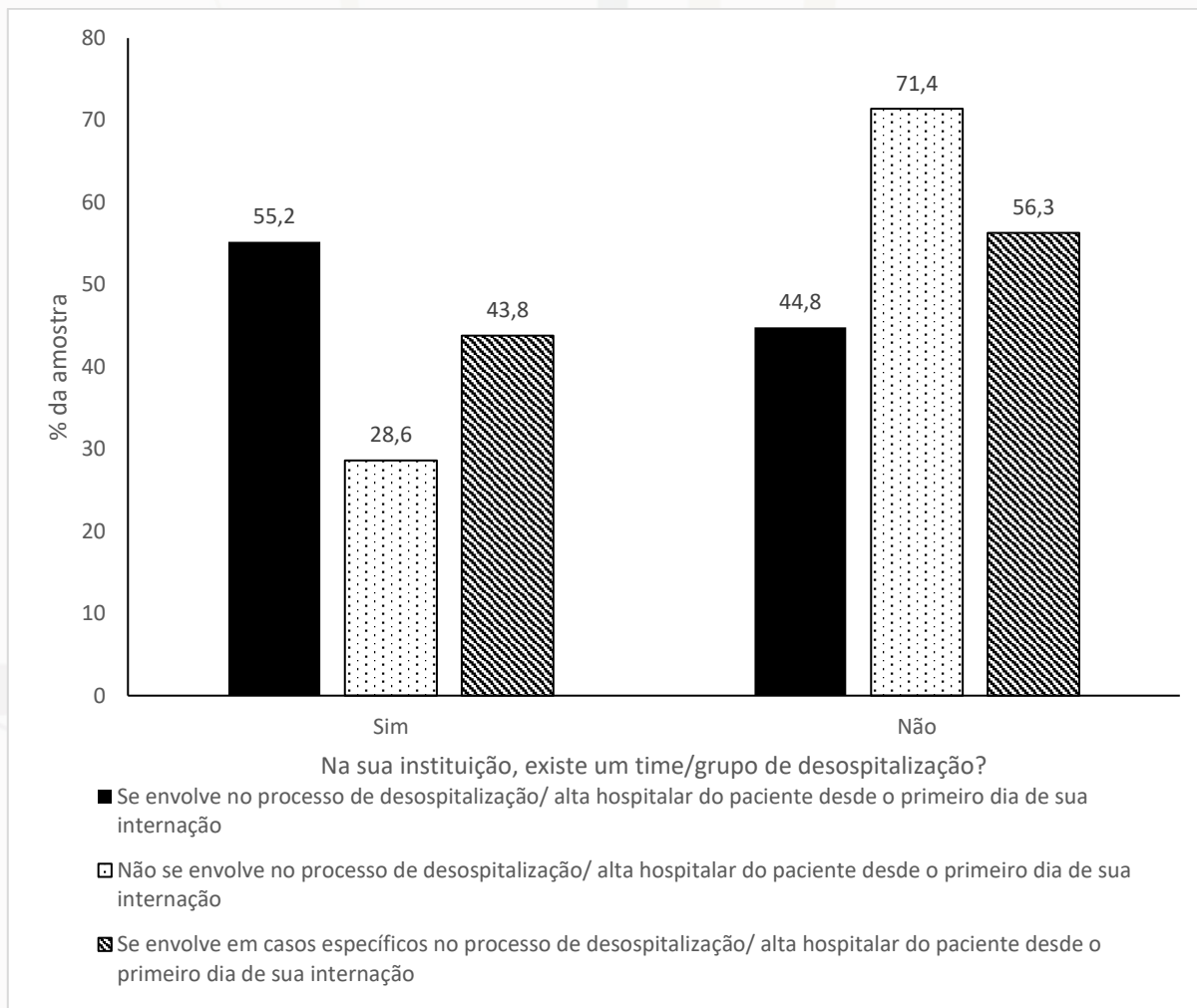


Figura 4: Associação entre as questões “No local onde você trabalha atualmente, você se envolve no processo de desospitalização?” E “Na sua instituição, existe um time/grupo de desospitalização?”  
 Fonte: dados da pesquisa, 2023.

## DISCUSSÃO

Os resultados, encontrados nesta pesquisa, apontam uma associação entre a assistência prestada pelos enfermeiros no processo de desospitalização do paciente internado em hospitais públicos e hospitais privados. Conforme os resultados do estudo, a média de idade dos enfermeiros envolvidos na pesquisa é de 36 anos, tendo como tempo de atuação em unidade de internação quatro anos e maior prevalência de participações do sexo feminino. A maioria dos enfermeiros (as) participantes do estudo, atuam em

hospitais privados do estado do Rio Grande do Sul.

Um ponto relevante, obtido através desta pesquisa, é que a maior parte dos enfermeiros consideram importante sua atuação no processo de desospitalização, podendo ser relacionada a um estudo que aborda a temática a respeito do envelhecimento populacional, acarretando diretamente na assistência de enfermagem por meio do crescimento de demanda nas hospitalizações, criando assim a necessidade de estratégias de desospitalização para redução dos agravos a saúde do paciente internado.

Entretanto, os resultados mostram que por diversos fatores, nem todos se envolvem no processo desde o primeiro dia de internação do paciente, envolvendo-se apenas em casos específicos, o qual avaliam ser mais importante. Estes mesmos profissionais que consideram importante a atuação do enfermeiro no processo, são às que significativamente mais acham que a sobrecarga de trabalho da enfermagem afeta no plano de cuidados para a alta em tempo previsto e na educação dos pacientes e familiares.<sup>8</sup>

Através dos resultados, observa-se que enfermeiros (as) se preocupam com a alta hospitalar do paciente em tempo previsto, inclusive, a literatura descreve a importante prática realizada pelos enfermeiros hospitalares, preocupando-se com o paciente desde a sua admissão até os cuidados pós alta, onde o paciente deve ser encaminhado para continuidade do cuidado na atenção primária, na sua unidade de referência.<sup>9</sup> Porém, ainda há uma porcentagem de profissionais que não consideram importante estar atento à alta, ou até mesmo costumam não ter tempo para pensar sobre isto pela sobrecarga de trabalho à qual estão expostos, alterando a vivência e qualidade do cuidado prestado, assim como a sua própria relação com o paciente, podendo ocorrer possíveis eventos adversos e até mesmo futuro adoecimento do profissional.<sup>10</sup>

Em relação a inserção da enfermagem no processo de planejamento de alta do paciente internado, a pesquisa demonstrou certa semelhança em relação às respostas positivas e negativas, onde pode-se observar que (57,8%) dos enfermeiros, sendo eles a maioria, sentem-se inseridos no processo e (42,2%) consideram não ter espaço para participação neste planejamento. Conforme estudo de validação de conteúdo, o enfermeiro (a) exerce um papel central para garantir a continuidade do tratamento e a segurança do paciente no processo de desospitalização, também para sanar todas as dúvidas dos cuidadores e familiares referentes às rotinas de cuidado, utilização de equipamentos e dispositivos de saúde, sempre em busca de promover uma alta hospitalar responsável.<sup>11</sup>

Segundo a revisão narrativa, o tema desospitalização demonstra ser uma estratégia segura proporcionando inúmeros benefícios ao paciente, sendo indispensável a participação da equipe multidisciplinar, promovendo a educação em saúde. O assunto tem chamado a atenção não apenas dos profissionais de enfermagem, mas também em departamentos de gestão hospitalar, fazendo repensar rotinas e buscar soluções de melhoria em relação ao tema.<sup>12</sup>

A literatura informa que a superlotação causada pela falta da desospitalização, minimiza a qualidade da assistência, eleva os custos, causa insatisfação aos usuários e profissionais, formando um ciclo vicioso, trazendo o processo de desospitalizar como um desafio aos usuários do SUS e gestores.<sup>13</sup> Uma das ações de planejamento para melhoria no processo de alta hospitalar, foi o denominado em algumas instituições como “time de desospitalização”, ou seja, um departamento que tem a responsabilidade de cuidar exclusivamente de pacientes que necessitam de auxílio na desospitalização, envolvendo diversos fatores de avaliação. Conforme índices avaliados na pesquisa sobre a existência de um time de desospitalização na instituição em que os enfermeiros trabalham atualmente, o resultado de maior relevância foi negativo, com prevalência em hospitais públicos.

Entrando na linha de pensamento sobre questões envolvidas no processo de desospitalização, como envolvimento diário na educação do paciente e familiar em preparação para a alta hospitalar, através da pesquisa percebemos que grande parte dos enfermeiros está envolvido verdadeiramente, principalmente enfermeiros atuantes de hospitais privados. Este resultado vem em discordância ao estudo de análise quantitativa que descreve baixa adesão dos colaboradores na educação aos pacientes e familiares em uma unidade de internação. A educação permanente fornecida aos pacientes é uma estratégia fundamental para promover um cuidado seguro, e é de responsabilidade do enfermeiro. Importante ressaltar também a predominância nos resultados de

enfermeiros atuantes de hospitais públicos, os quais não estão envolvidos no processo de educar diariamente os pacientes e familiares, e costumam pensar sobre isto perto da alta hospitalar.<sup>14</sup>

Para a realização da alta hospitalar de forma segura, existem diversos aspectos e definições a serem avaliados pela equipe multidisciplinar. Os dados apontam que grande parte dos enfermeiros atualmente reconhecem os principais aspectos para avaliação e definição da alta hospitalar ocorrer de maneira segura ao paciente. Segundo estudo de reflexão analítica, a respeito dos cuidados de transição para uma alta hospitalar segura, confirma que além dos aspectos relacionados ao paciente, precisa existir atributos como cuidado integrado, colaboração profissional, coordenação, planejamento da alta em equipe, comunicação efetiva, integração entre os profissionais e gerenciamento de cada caso.<sup>15</sup>

A enfermagem é uma profissão autônoma, protagonista do cuidado. A literatura expõe o fortalecimento da liderança de enfermagem em tempos de pandemia, bem como a necessidade de valorização da profissão após atuação na linha de frente, demonstrando seu protagonismo no cuidado e a força de trabalho que representa a equipe de enfermagem dentro de um hospital, todavia, sua autonomia ainda é limitada dentro das organizações de saúde, devido a relações conflituosas com a equipe médica, alta carga de trabalho, normas hospitalares e deficiências administrativas.<sup>16</sup> Conforme a pesquisa, a visão dos enfermeiros sobre a enfermagem estar envolvida como protagonista do cuidado, inserida no processo de desospitalização e planejamento diário da alta hospitalar, manteve resultados prevalentes de que sim, principalmente sob a visão dos enfermeiros que atuam em hospitais privados, entretanto, vale ressaltar que os resultados negativos se equivalem aos positivos.

Conforme os dados da análise, os enfermeiros reconhecem a sua capacidade de analisar o paciente de maneira integral, podendo contribuir e discutir o caso com a equipe médica e multidisciplinar sobre os motivos da permanência do paciente na

unidade, e qual o planejamento para a sua alta hospitalar. Conforme o estudo exploratório de análise qualitativa, a integralidade do cuidado realizado é um paradigma na formação do enfermeiro, o qual garante que os profissionais enfermeiros saibam realizar atividades curativas, preventivas, de enfoque clínico, epidemiológico e social, assegurando este olhar integralizado para o paciente. Todavia, ainda existem profissionais que buscam conhecimento e analisam o paciente de maneira integral, porém não têm interesse em discutir o caso em round, e um número mínimo de enfermeiros não se sentem capazes de analisar ou discutir o caso do paciente.<sup>17</sup>

A pesquisa aponta que a sobrecarga de trabalho na enfermagem afeta diversos fatores, impactando e interferindo diretamente no cuidado e na permanência do paciente em âmbito hospitalar, atingindo resultado semelhante em respostas de hospitais públicos e privados. Em concordância com o estudo de cunho reflexivo e qualitativo, que relata que as movimentações de pacientes, quando somadas as demais demandas assistenciais, pode acabar agravando a sobrecarga de trabalho e interferindo no cuidado prestado ao paciente e, por conseguinte, na qualidade da assistência.<sup>18</sup>

A desospitalização está diretamente ligada à gestão de leitos, e, conforme literatura, a enfermagem está cada vez mais exercendo papel de gerenciamento de leitos hospitalares no âmbito de saúde pública, sendo reconhecidos como organizadores e estruturadores do cuidado, em todos os níveis de atenção a saúde.<sup>4</sup> Pensando sobre isto, os dados indicam que os enfermeiros (as) atualmente reconhecem o que pode acarretar a permanência sem necessidade dos pacientes na unidade de internação, além de impactar na saúde do mesmo, por estar exposto a diversas infecções, impacta em custos operacionais para o hospital e impedindo de girar leitos, fazendo com que novos pacientes que necessitam não possam ser atendidos.

Entre os diversos fatores que englobam a desospitalização, o treinamento das equipes para o desenvolvimento de planos educacionais

de alta se faz indispensável no processo, uma vez que, segundo às vivências de pacientes e familiares, essa transição da internação para o âmbito domiciliar não tem sido satisfatória.<sup>19</sup> Através da análise dos resultados, pode-se observar que, no presente momento, os enfermeiros (as) realizam treinamentos com as suas equipes, os envolvendo no processo de desospitalizar, apenas em casos específicos, que consideram ser mais importante.

A maioria dos resultados indica que os enfermeiros (as) consideram que a enfermagem ainda apresenta dificuldades para inserir-se no processo de desospitalização, e esta dificuldade se dá principalmente por motivos de resistência médica em aceitar as sugestões de enfermagem ou da equipe multidisciplinar, entretanto, um pequeno número de profissionais considera que a dificuldade da inserção ocorre por falta de conhecimento dos enfermeiros e falta de manejo com a equipe médica. Conforme o estudo epidemiológico a equipe de enfermagem é de suma importância na implementação da desospitalização, pois ela consegue identificar o que necessita ser aprimorado nos processos de planejamento de alta e orientações, reforçando, portanto, o seu papel fundamental na gestão da assistência.<sup>20</sup>

E, com isso, há o questionamento: “qual o sentido do saber se com frequência tudo pode se concretizar em políticas e desejos internos dos próprios profissionais?”. Os autores dão ênfase ao fato de que as relações entre profissionais da saúde carecem de mais estudos, a fim de qualificar estes ambientes de trabalho, que se tornam muito estressantes, como os hospitais, e trazer uma assistência mais digna.<sup>20</sup>

Destaca-se como limitações do estudo a dificuldade de acesso aos dados estratificados dos profissionais que atuam em hospitais e que implementem medidas de desospitalização dos pacientes, e um possível viés de seleção decorrente da utilização de um questionário online via redes sociais, uma vez que os enfermeiros mais conectados e interessados no tema podem ser super-representados. Cabendo destacar ainda, que o baixo número de respostas ao questionário pode limitar o

poder estatístico e a generalização dos achados. Como ponto forte, destaca-se tratar de um estudo inovador e necessário para o planejamento futuro da assistência segura e eficaz ao paciente e família.

## CONCLUSÕES

Através deste estudo, foi possível concluir que os enfermeiros (as) reconhecem a sua importância no processo de desospitalização, e, apesar de dificuldades, como a sobrecarga de trabalho da enfermagem, a maioria se envolve no processo desde o primeiro dia da internação do paciente e se preocupa caso a alta hospitalar não seja realizada em tempo previsto. Cabendo destacar, ainda, que os enfermeiros atuantes de hospitais privados são os mais atuantes no processo de desospitalização dos pacientes.

Por fim, acredita-se que o estudo pode contribuir para ampliar conhecimentos dos enfermeiros sobre desospitalização e a importância de seu envolvimento no planejamento para a alta hospitalar desde a admissão do paciente, subsidiando ações de enfermagem para um cuidado seguro, prevenindo eventos adversos que possam prolongar a permanência do paciente no hospital.

## REFERÊNCIAS

- 1 Ministério da Saúde (BR). Secretaria-Executiva. Superintendência Estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro. Desospitalização: reflexões para o cuidado em saúde e atuação multiprofissional. Brasília: Ministério da Saúde; 2020. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/desospitalizacao\\_reflexoes\\_cuidado\\_atuacao\\_multiprofissional.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/desospitalizacao_reflexoes_cuidado_atuacao_multiprofissional.pdf)
- 2 Secretaria do Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). Desospitalização de pacientes internados em hospitais e UPAs no Distrito Federal. Brasília: Comissão Permanente de Protocolos de Atenção à Saúde da SES-DF; 2023. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/0/Desospitaliza%C3%A7%C3%A3o+de+pacientes+Internados+em+Hospitais+e+UPAS+no+Distrito+Federal.pdf/cd05be8d-f65c-2802-40b5-c1c740e5f463?t=1728482815517>.

- 3 Gheno J, Weis AH. Care transtion in hospital discharge for adult patients: integrative literature review. *Texto contexto enferm.* (Online). 2021;30:1-26. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2021-0030>
- 4 Rodrigues de Oliveira L, D’Innocenzo M. Descrição do modelo de serviço de desospitalização de um hospital privado no município de São Paulo. *Nursing Edição Brasileira* [Internet]. 2024; 28(316):10162-70. <https://doi.org/10.36489/nursing.2024v28i316p10162-10169>
- 5 Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.
- 6 Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Quantitativo de profissionais por regional. 2025. Disponível em: [https://descentralizacao.cofen.gov.br/sistema\\_SC/grid\\_resumo\\_quantitativo\\_profissional\\_externo/grid\\_resumo\\_quantitativo\\_profissional\\_externo.php](https://descentralizacao.cofen.gov.br/sistema_SC/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo.php).
- 7 Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html).
- 8 Ruas EFM, Castro MR, Marinho NM, Castro WS. A assistência de enfermagem frente ao envelhecimento populacional. *Revista Synthesis.* 2023;1:1-13. DOI: <https://doi.org/10.63054/2177-823X.2022.591>
- 9 Costa MFBNA, Perez EB, Ciosak SI. Practices of hospital nurses for continuity of care in primary care: an exploratory study. *Texto contexto enferm.* (Online). 2021;30:e20200401. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0401>
- 10 Muniz DC, Andrade EGS, Santos WLS. A saúde do enfermeiro com a sobrecarga de trabalho. *Revista De Iniciação Científica E Extensão.* 2019;2(Esp.2):274-9. Disponível em: <https://reicen.emnuvens.com.br/revista/article/view/120/79>
- 11 Zanetoni TC, Cucolo DF, Perroca MG. Responsible hospital discharge: content validation of nurse’s activities. *Rev. gaúcha enferm.* (Online). 2022;43:e20210044. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210044.en>
- 12 Silva RC, Queiroz MG, Maia LG. As perspectivas da desospitalização no Brasil e a assistência humanizada como coadjuvante neste processo: uma revisão de literatura. *Boletim Técnico Do Senac.* 2022;2:114-26. DOI: <https://doi.org/10.26849/bts.v47i2.882>
- 13 Cerdeira AKLA, Paiva KRS, Queiroz LA, Rodrigues VG. Metodologia Kanban como estratégia na gestão de leitos no Hospital Universitário Professor Edgard Santos HUPES. *Revista Brasileira De Inovação Tecnológica Em Saúde.* 2019;1-13. DOI: <https://doi.org/10.18816/r-bits.vi0.18463>.
- 14 Ramos JN, Rodrigues CCFM, Costa TD, Salvador PTCO. Educação permanente em saúde: uma estratégia para melhorar a identificação segura do paciente. *Mundo Saúde* (Online). 2022;46:153-60. DOI: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.202246153160>
- 15 Bernardino E, Sousa SM, Nascimento JD, Lacerda MR, Torres DG, Gonçalves LS. Transitional care: analysis of the concept in hospital discharge management. *Esc. Anna Nery* (Online). 2022;26:e20200435. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0435>
- 16 Costa RLM, Santos RM, Costa LMC. The professional autonomy of nursing in pandemic times. *Rev. gaúcha enferm.* (Online). 2021;42(esp):e20200404. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200404>
- 17 Santos ATS, Oliveira CB, Passos MC, Andrade ASA, Gallotti FCM. Integralidade do cuidado na formação dos enfermeiros: visões e vivências do acadêmico de enfermagem. *Enferm. foco* (Brasília). 2019;10(1):122-6. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Integralidadedocuidadonaformacaodoenfermeiro.pdf>
- 17 Santos ATS, Oliveira CB, Passos MC, Andrade ASA, Gallotti FCM. Integralidade do cuidado na formação dos enfermeiros:

visões e vivências do acadêmico de enfermagem. *Enferm. foco (Brasília)*. 2019;10(1):122-6. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Integralidadedocuidadonaformacaodoenfermeiro.pdf>

18 Campos MS, Cucolo DF, Perroca MG. Repercussions of moving patients on the context of practice: perspectives of the nursing team. *Rev. latinoam. enferm.* (Online). 2024;32: e4113. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.7042.4113>

19 Gama LMP, Ribeiro KRC, Oliveira JLC, Costa MAR, Acosta AM, Souza VS. Transition from hospital to home care: a mixed methods study in light of Meleis's Theory. *Rev. bras. enferm.* 2025;78(1):e20230357. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0357>

20 Acosta AM, Lima MADS, Pinto IC, Weber LAF. Care transition of patients with chronic diseases from the discharge of the emergency service to their homes. *Rev. gaúch. enferm.* 2020;41(nesp):e20190155. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190155>

Recebido em: 10/04/2025

Aceito em: 14/10/2025

Publicado em: 15/12/2025